

Educação Ambiental como processo de resgate da identidade ecológica dos moradores das margens da Lagoa do Vigário em Campos dos Goytacazes, RJ

Environmental Education as a process of ecological recovery of the identity of the inhabitants of the shores of Vigário Lagoon in Campos dos Goytacazes, RJ

Joselito Lima Silveira*

Resumo

As características geomorfológicas da cidade de Campos dos Goytacazes aliadas ao crescimento urbano desordenado promovem a depredação e até o desaparecimento de importantes corpos d'água existentes no município. Tendo a Lagoa do Vigário e os moradores que ocupam suas margens como objeto de estudo, este artigo inicia a discussão sobre como atividades de educação ambiental voltadas ao resgate da identidade ecológica dessas comunidades ripárias provocarão a mudança de uma relação degradadora para uma interação ecologicamente equilibrada entre homem e natureza.

Palavras-chave: Educação. Ambiente. Ecologia. Identidade. Comunidade.

Abstract

The geomorphological characteristics of the city of Campos dos Goytacazes allied to urban sprawl promote the degradation and the disappearance of important water bodies in the city. As the Vigário Lagoon and the residents who occupy its margins as the object of study, this article begins the discussion about environmental education activities aimed at the recovery of riparian ecological identity of these communities lead to a change in relation to a degrading ecologically balanced interaction between man and nature.

Key words: Education. Environment. Ecology. Identity. Community.

Introdução

Aglomerações humanas organizadas em comunidades estiveram sempre associadas à existência de recursos hídricos nas áreas ocupadas. As primeiras civilizações surgiram nos vales férteis formados pelos grandes rios Tigre, Eufrates e Nilo, pois, “nos

* Pós-Graduando do Curso de Educação Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, IF Fluminense, Brasil.

vales alagados era possível alimentar mais gente por área cultivada, assim grandes cidades puderam prosperar” (GEOFFREY BLAINEY, 2007). À medida que aumentava o número de pessoas que formavam as primeiras vilas e cidades, começavam a surgir os primeiros problemas ambientais. Por volta de 2000 a.C., a derrubada de florestas e o mau uso de água para irrigação empobreceram o solo de algumas áreas dos vales férteis que deixaram de produzir alimentos importantes como o trigo. As cidades foram se tornando cada vez mais populosas e a produção de lixo e esgoto sem tratamento também passaram a figurar como sérios problemas ambientais. “O rio era a saída mais utilizada e o esgoto de alguns, após flutuar duzentos metros rio abaixo, tornava-se a água de banho e de beber de outros” (GEOFFREY BLAINEY, 2007, p.299).

Os fatos históricos mencionados acima ainda se repetem no presente. O Diretor Geral da UNESCO Koichiro Matsuura (2006) declarou que “difícilmente um dia se passa sem que sejamos informados de mais uma enchente ou seca, ou ainda de poluentes jogados em águas superficiais ou subterrâneas”. As bacias hidrográficas mundiais ainda são mal gerenciadas e permitem o empobrecimento de solos outrora produtivos e a contaminação das águas. Importante notar que o esgoto das cidades, hoje somado às águas descartadas sem tratamento por indústrias e as provenientes de atividades agropecuárias, é a principal fonte de poluentes dos recursos hídricos em todo o mundo (KRANTZ & KIFFERSTEIN). No Canadá, por exemplo, de acordo com o relatório anual de despejo de poluentes (NPRI-2006), a poluição hídrica é causada principalmente por descarte de esgoto urbano. Esse fato é verdadeiro também no Brasil conforme citado no relatório Perfil dos Municípios Brasileiros – Meio Ambiente 2002 do IBGE: “As mais sérias ameaças aos ecossistemas aquáticos são provenientes da poluição orgânica, de efluentes industriais e do fósforo dissolvido em ambientes domiciliares.”

Todos os estudos, estatísticas e relatórios de diferentes nações voltados ao monitoramento de recursos hídricos demonstram os esforços que estão sendo feitos para a utilização inteligente da água. De acordo com o relatório das Nações Unidas sobre os recursos hídricos do planeta, publicado em 2006, os dirigentes de instituições que administram esses recursos concordam que a única maneira de garantir a sobrevivência do homem na terra é com um gerenciamento inclusivo e integrado de toda a água que serve ao ser humano.

Na contramão dessa realização, porém, existem lacunas a serem preenchidas. Nelas encontram-se indivíduos incapazes de prever os problemas resultantes da interação humana com o ambiente, que se agravam quando estão relacionados a comunidades ripárias. Essa incapacidade tem sido objeto de pesquisas que buscam explicar “as várias dimensões do termo lugar: senso de lugar, ligação com o lugar, identidade com o lugar, dependência do lugar e satisfação com o lugar” (ALEXANDER, 2008), e pode ser o resultado da falta de identidade de uma comunidade ou indivíduo com o seu ambiente imediato. Portanto, para gerenciar os recursos hídricos do planeta, tanto

quanto qualquer outro recurso natural, de forma inclusiva e integrada é necessário que haja, primeiramente, a sensibilização das pessoas quanto aos impactos negativos que seus comportamentos possam causar ao local em que estejam vivendo. Para esse fim, atividades de educação ambiental voltadas ao resgate da identidade ecológica têm sido utilizadas com grande sucesso nos Estados Unidos.

Identidade ecológica, termo introduzido e definido por Mitchell Thomashow (1995) como “a base de nossa íntima ligação com a natureza”, é um conceito norteador de atividades de educação ambiental que, ao reconhecer na ligação do homem com a natureza um importante fator de formação da identidade de uma pessoa, tem auxiliado na criação de atividades que promovem a sensibilização das comunidades no que concerne ao respeito pelos recursos naturais que fazem parte do lugar em que vivem. O conceito de lugar, neste caso, está relacionado ao espaço físico, não humano, com o qual as pessoas interagem.

Este artigo pretende iniciar uma discussão sobre os benefícios que o resgate da identidade ecológica possa trazer a uma comunidade e ao ambiente em que ela esteja inserida. A princípio, um grupo de alunos do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental do Instituto Federal Fluminense incluiu, como parte de trabalhos de término de curso, atividades baseadas no princípio de resgate da identidade ecológica, tendo a Lagoa do Vigário como objeto de estudo, servindo, assim, de base para este artigo.

Como resultado, este trabalho busca motivar comunidades, autoridades locais e a própria academia a trabalharem juntos pelo objetivo comum de interromper a depredação do meio ambiente, principalmente às margens dos canais e lagoas que enriquecem a cidade de Campos dos Goytacazes.

A Lagoa do Vigário

A região norte do estado do Rio de Janeiro, que tem como principal centro urbano a cidade de Campos dos Goytacazes desenvolvida às margens do rio Paraíba do Sul, apresenta uma paisagem muito diferente da que existia menos de um século atrás.

Uma sucessão de obras de drenagem empreendidas por órgãos públicos e por particulares, seguida pela ampliação de áreas para lavouras de cana-de-açúcar e para pastagens, bem como para a urbanização, promoveram profundas alterações na hidrografia regional (BIDEGAIN; BIZERRIL, SOFFIATI, 2002).

Prova disso, a Lagoa do Vigário, que se estende por uma área de cerca de 0,3 km² à margem esquerda do rio Paraíba do Sul, no distrito de Guarus, em Campos dos Goytacazes, encontra-se dividida em duas partes por um aterro iniciado em 1973 e que hoje é uma avenida sobre a qual circulam milhares de veículos diariamente. As margens

dessa lagoa têm sido ocupadas sem qualquer controle, fazendo surgir, inclusive, as favelas do Vigário e da Fofoca que somam cerca de 600 domicílios (IBGE, 2000). Além dessas duas importantes comunidades, várias outras residências, algumas com estrutura de moradia de classe média, ocupam toda a área do entorno da lagoa atualmente. "A Lagoa do Vigário é uma das poucas lagoas sobreviventes ao tenebroso passado de drenagens, porém, apesar de ter vencido essa fase, hoje, extremamente antropizada, continua sua luta pela sobrevivência" (VILAÇA, 2008).

Por ocasião das visitas feitas por alunos do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental do Instituto Federal Fluminense que têm a Lagoa do Vigário como objeto de pesquisa e que aceitaram incluir em seus trabalhos questões referentes à interação dos moradores com a lagoa, foi possível observar o estado de degradação em que se encontra aquele corpo d'água e a reação da comunidade a essa degradação. Aterros feitos com entulhos de construção, lixo e despejo de esgoto doméstico são os maiores problemas apontados pelos moradores e visíveis em qualquer parte da lagoa. Essa observação já havia sido feita por Vilaça (2008):

Com relação ao lixo, toda a população possui coleta de lixo três vezes na semana, porém, 35% dos entrevistados afirmaram que alguns moradores insistem em jogar lixo na lagoa, na maioria das vezes esse lixo se resume a entulhos, móveis, eletrodomésticos velhos, animais mortos, enfim, lixos que o caminhão de coleta da Prefeitura não costuma recolher.

É importante destacar que muitos moradores estão conscientes de suas contribuições para a poluição da lagoa, mas "o conhecimento desses moradores é limitado, tanto que muitos continuam a aterrar a lagoa, a jogar lixo em suas águas e até mesmo a pescar peixes na mesma para comer" (VILAÇA, 2008). As imagens abaixo (FIG. 1 e 2), registradas por ocasião das visitas do grupo de estudantes do Instituto Federal Fluminense, possibilitam-nos observar que não houve modificação quanto às condições da lagoa e de seus moradores no espaço de um ano.



Figura 1: Moradora mostra lixo às margens da Lagoa do Vigário



Figura 2: Aterro avançando sobre a Lagoa do Vigário

Fora da comunidade que ocupa as margens da lagoa, contudo, vê-se a falta de conhecimento por parte da maioria dos moradores da cidade quanto à localização, a forma e até mesmo quanto à existência da Lagoa do Vigário. Em relação às autoridades, percebe-se o descaso ou a falta de planejamento para aproveitar esse valioso recurso natural em benefício dos cidadãos. Existe, segundo a Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, um projeto de revitalização da lagoa com a finalidade de torná-la um equipamento de lazer de valor paisagístico e ecológico para a cidade. Por ocasião de nossas visitas à secretaria, porém, não foram encontrados documentos que comprovem a existência oficial do referido projeto.

A Lagoa do Vigário continua sendo objeto de depredação e corre o risco de desaparecer por completo, a exemplo de outros corpos d'água que compunham a paisagem campista, vítima do crescimento urbano desordenado.

A ocupação das margens da Lagoa do Vigário

O relevo da região, compreendida pela bacia hidrográfica da Lagoa Feia e superfície entre a foz dos rios Paraíba do Sul e Itabapoana, é formado por serras e colinas (zona ou formações cristalinas), tabuleiros de topo aplainado (Formações Barreiras), e por imensa baixada constituída de terrenos delineados pelos rios (planície aluvial) e pelo mar (restingas), chamada, em conjunto, de Baixada dos Goytacazes, em alusão aos índios que ali viveram. (BIDEGAIN; BIZERRIL, SOFFIATI, 2002).

A partir dessas observações, concluem os pesquisadores, pode-se dizer que o relevo, principalmente, ditou a ocupação da cidade de Campos dos Goytacazes.

Mais recentemente, a ocupação humana das cidades se faz em íntima associação com o crescimento desordenado e de acordo com o poder econômico das pessoas que migram para esses centros urbanos. Maricato (1997) explica melhor esse fenômeno afirmando que

[O] crescimento urbano resultante desse intenso crescimento demográfico se fez, em grande parte, fora da lei (sem levar em conta a legislação urbanística de uso e ocupação do solo e código de obras), sem financiamento público (ou ignorado pelas políticas públicas) e sem recursos técnicos (conhecimento técnico de engenharia e arquitetura). Sem alternativas, a população se instalou como pode, com seus parcos recursos e conhecimento.

A ocupação das margens da Lagoa do Vigário, por sua vez, é um claro exemplo de como o crescimento urbano sem controle se processa: "O loteamento irregular na periferia, ou a pura e simples ocupação ilegal de terra (ou mangues), e autoconstrução

de moradias tornaram-se as opções mais importantes para a provisão de moradia dos migrantes nas grandes cidades" (MARICATO, 1997). Acrescente-se ainda o baixo nível de escolaridade desses migrantes que na Lagoa do Vigário apresentam o seguinte quadro: "53% dos entrevistados não possuem o Ensino Fundamental completo. 27% possuem o Ensino Médio completo e 5% dos entrevistados afirmam ter chegado ao Ensino Superior (estes situados perto do HGG onde também estão os 8% que têm renda igual ou superior a 3 salários mínimos)" (VILAÇA, 2008).

Nota-se que a forma como a ocupação das margens da Lagoa do Vigário vem sendo efetivada não difere do que atualmente é definido como invasão. Mesmo assim a maioria dos moradores ripários em questão se dizem proprietários dos lotes que ocupam. Tentativas feitas pelo poder público para realocar as famílias invasoras têm falhado, seja pela falta de opções a oferecer (déficit imobiliário) seja pela não efetivação dos planos de urbanização prometidos por várias administrações públicas ao longo da história de ocupação da Lagoa do Vigário.

O resgate da identidade ecológica, nesse caso, pode amenizar os problemas dos moradores tanto quanto do ambiente em que estão inseridos, com a vantagem que, sensibilizados, esses moradores podem aplicar seus conhecimentos quando forem realocados para outro ambiente.

Identidade ecológica

... usando a experiência direta com a natureza como moldura para decisões pessoais, escolha profissional, ação política e questionamento espiritual. (THOMASHOW, 1995).

Na mais recente Conferência Mundial de Educação Ambiental realizada em Montreal, no Canadá, em maio de 2009, mais de dois mil e duzentos participantes, representando cento e seis países, dividiram-se em doze grupos ou nichos. No nicho "Identidade Ecológica" discutiu-se o papel da educação ambiental como um instrumento necessário ao trabalho de resgatar no ser humano o senso de ligação, de pertencimento à natureza.

Apesar de ser uma novidade no Brasil, essa discussão passou a fazer parte das atividades de um grupo de alunos do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental do Instituto Federal Fluminense, que tem a Lagoa do Vigário e seus moradores como objeto de estudo. Ao longo do ano de 2009, o grupo visitou a porção oeste da lagoa, onde foram entrevistados moradores que, gentilmente, propuseram-se a responder a questionários ligados a projetos de pesquisa, os quais, embora abordassem temas diversos, foram alterados para que contivessem formas de avaliar como esses moradores, individual ou coletivamente, se relacionam com o ambiente natural em que estão inseridos.

As questões acrescentadas aos trabalhos de pesquisa foram elaboradas com base no que Thomashow (1995) considera "as quatro questões básicas que deveriam estar no centro da educação ambiental: O que eu sei sobre o lugar em que vivo? De onde vêm as coisas? Como me conecto com a terra? Qual meu propósito como ser humano?". Ao serem motivadas a buscar respostas para esse tipo de questionamento, sugere Thomashow, as pessoas tornam-se mais atentas ao ambiente que as circunda, inclusive aos aspectos naturais, e à relação de vida que o ser humano tem com a natureza. Inicia-se desta forma a sensibilização das pessoas quanto à necessidade de considerarem os impactos negativos que suas ações possam causar ao seu ambiente imediato.

Em relação aos moradores ripários da Lagoa do Vigário, nota-se que, ao mesmo tempo em que eles demonstram estar conscientes dos problemas ecológicos referentes à lagoa, parecem não estar cientes de suas responsabilidades para com o importante corpo d'água circundado por eles. Tais moradores deixam transparecer a ideia de que eles se veem como parte do problema, mas não da solução.

É nesse contexto que o conceito de Identidade Ecológica é aplicado, transformando atividades de educação ambiental em eficientes processos de resgate da interação ecologicamente correta entre homem e natureza. Desde a publicação do livro *Identidade Ecológica - Formando Cidadãos Ecologicamente Conscientes*, em 2005, o professor Mitchell Thomashow tem atuado com sucesso na implantação de programas de educação ambiental que têm como princípio norteador o resgate da identidade do ser humano como parte integrante do ecossistema natural da Terra. Hoje, no cargo de presidente do *Unity College*, Mitchell Thomashow aplica os conceitos de identidade ecológica em sua relação com funcionários, professores e alunos, tendo como resultado uma instituição que se tornou modelo de gestão ecológica nos Estados Unidos.

Conclusão

O ser humano enfrenta o seu maior desafio no que concerne ao uso dos recursos naturais. Sem querer interromper o desenvolvimento econômico, nossa sociedade busca urgentemente uma solução para continuar progredindo sem causar danos à natureza.

Em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, os corpos d'água estão entre os recursos naturais que precisam de mais atenção. A história de ocupação desse importante centro urbano do estado fluminense, banhado pelo rio Paraíba do Sul, comprova a forma como a região tem sofrido perdas irreparáveis de seus recursos hídricos.

Remanescente dessa história de degradação imposta em nome do desenvolvimento, a Lagoa do Vigário tem sido um dos principais objetos de projetos de pesquisa acadêmicos. Este trabalho também tem o foco na Lagoa do Vigário, porém, sugere a introdução de um novo conceito para orientar os trabalhos acadêmicos voltados

a compreender tão importante ecossistema. Os pós-graduandos Albany Agues, Aline Silva, Marcelo Ferreira e Roberta Manhães, do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental do Instituto Federal Fluminense, sob a coordenação de Ricardo Terra e o apoio da Sala Verde, aceitaram incluir em seus trabalhos de conclusão de curso alguns elementos ligados ao conceito de Identidade Ecológica. Com isso, percebe-se neste trabalho, antes de qualquer resultado junto aos pesquisados, uma mudança de atitude dos próprios pesquisadores. Thomashow explica tal comportamento ao afirmar que

trabalhar com identidade ecológica gera um rico substrato, promovendo reflexão crítica e profunda introspecção, um tipo de despertar pessoal que permite que as pessoas tragam suas percepções de natureza para a linha de frente da observação e orientem suas ações baseadas em sua visão ecológica do mundo (1995, p.230).

O conceito de Identidade Ecológica, apesar de ser novidade no Brasil, vem sendo utilizado com sucesso nos Estados Unidos para orientar as atividades de educação ambiental, visando resgatar a íntima ligação homem-natureza que está enfraquecida pelo frenético ritmo com que o ser humano moderno vive. De acordo com Mitchell Thomashow, autor do livro *Identidade Ecológica - Formando Cidadãos Ecologicamente Conscientes* (1995), as

lembranças de lugares frequentados na infância, a percepção de ambientes em degradação e a contemplação de lugares selvagens (...) são exemplos de momentos que transformam a vida das pessoas, quando elas percebem que identidade ecológica é intimamente ligada às suas experiências diretas com a natureza. (p.xvi).

Levando-se em consideração que os moradores ripários da Lagoa do Vigário são, em sua maioria, migrantes de áreas rurais (ambiente natural frequentado na infância) e que o ambiente em que vivem hoje sofre degradação (percepção), temos um cenário bastante propício ao trabalho de resgate da identidade ecológica daquelas comunidades. Sugerimos aqui que, a exemplo do grupo de alunos que participou desse esforço inicial de trabalhar sob a luz do conceito de Identidade Ecológica, todas as pessoas envolvidas na preservação do ambiente, seja ele natural seja urbano, busquem somar às ações que lhe couberem, construir “suas identidades em relação com a terra, manifestadas na personalidade, valores, ações e autopercepção. Natureza torna-se um objeto de identificação.” (THOMASHOW, 1995, p.3).

Referências

BERNARDELLI, Marlize Spagolla *et al.* Educação Ambiental e Ecopsicologia Reichiana: uma proposta cidadã para a formação de uma nova identidade ecológica. In: ENCONTRO

PARANAENSE, 13., CONGRESSO BRASILEIRO, 7., CONVENÇÃO BRASIL/LATINO AMÉRICA, 2., 2008. Anais... Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85- 87691-13-2]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 10 nov. 2009.

BIDEGAIN, P.; BIZERRIL, Carlos; SOFFIATI, Arthur. Lagoas do Norte Fluminense: perfil Ambiental. Rio de Janeiro: Semads, 2002.

CLAYTON, Susan *et al.* Identity and the Natural Environment: The Psychological Significance of Nature. New York: MIT Press, 2004.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da práxis e educação ambiental. Ministério do Meio Ambiente – Diretoria de Educação Ambiental. Programa de Formação de Educadoras e Educadores Ambientais. Disponível em: <www.mma.gov.br>. Acesso em: 2 ago. 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente, 2002.

THOMASHOW, Mitchell. Ecological Identity: Becoming a Reflective Environmentalist. New York: MIT Press, 1995.

VILAÇA, Dayana R. C. Lagoa do Vigário: um tesouro formal engolido pela informalidade. Campos dos Goytacazes, RJ: Instituto Federal Fluminense, 2008.